

Gênero, cibercultura e novas tecnologias de comunicação digital: reforçando ou desconstruindo preconceitos? - ST 36  
Rosa Meire Carvalho de Oliveira – UFBA  
Palavras chave: Blogs, feminismo, cibercultura

### **Cyberfeminismo x feminismo: O que as mulheres fizeram com os blogs da web?**

Ao invés de se perguntar sobre o que são identidades realmente e se a realidade está realmente lá, melhor é procurar saber como, onde e quando identidades e realidades são tornadas disponíveis na web.  
(Christine Hine)

## **INTRODUÇÃO**

Desde 1998, quando registram-se os primeiros interesses pela escrita dos ciberdiaristas, até agora, muita coisa mudou na internet e em especial com o fenômeno dos weblogs. Autora da antiga coluna Netvox, da Folha de S. Paulo, a jornalista Maria Ercília registrava em 1998: “Nos idos de 1994 a web era uma cidade do interior, só que no mundo inteiro. Você encontrava pessoas de tudo quanto era lugar, mas eram sempre a mesma meia dúzia. No IRC eram os mesmos cinco ou seis brasileiros, no ‘What New’ do NCSA (onde a gente ficava sabendo dos novos sites), tinha uns poucos endereços por semana (...)”<sup>1</sup>.

Uma década depois, o tamanho da internet teve um crescimento exponencial em todo o mundo. No Brasil, o acesso doméstico chegou em 2004 a 12 milhões<sup>2</sup>. No caso dos blogs, o crescimento é ainda mais fantástico. Em 2004, o termo blog figurou como o mais pesquisado do site do dicionário americano Merriam-Webster<sup>3</sup>, que decidiu incorporá-lo em 2005 em sua versão impressa, a exemplo do que já fizera o tradicional Oxford English Dictionary<sup>4</sup>.

Estatísticas divulgadas pela empresa Technorati<sup>5</sup> dão conta de que a blogosfera dobra a cada cinco ou seis meses, reunindo hoje no mundo 48 milhões de blogs (julho/2005), sendo um weblog criado a cada segundo, embora nem todos mantenham-se atualizados regularmente.

Freqüentemente definido como uma página na internet com entradas constantemente datadas em ordem cronológica reversa e a presença de *links* e comentários, o termo blog foi cunhado em dezembro de 1997 pelo americano Jorn Barger, editor do *robot wisdom weblog*<sup>6</sup>, quando os blogs começavam a despontar na rede. A virada evolutiva numérica dos blogs foi marcada em 1999 pela criação de uma interface<sup>7</sup> que simplificou sobremaneira a autoria dos diários virtuais na internet, impulsionando com grande força o fenômeno dos diários pessoais na rede mundial de computadores. No mês de julho daquele ano, a empresa Pitas criou o primeiro *software* grátis e em agosto o americano Evan Williams, da empresa *Pyra Labs*<sup>8</sup>, criou ferramenta semelhante, o

*Blogger*<sup>9</sup> que se transformaria no ícone de um conceito que revolucionaria a criação e postagem de páginas pessoais na internet.

Segundo Oliveira (2002, 141), o principal diferencial da nova interface é que “ela trouxe velocidade na criação, postagem e atualização dos ciberdiários, democratizando o acesso de não-especialistas em linguagem como *html* (hipertext, markup language)<sup>10</sup>, *ftp* (file transfer protocol)<sup>11</sup>, dentre outras, à construção e manutenção das páginas pessoais”. Com isso, qualquer pessoa que dominasse noções básicas de inglês poderia ter um weblog ou blog, como passaram a ser chamados os diários criados com este modelo de interface que se assemelha a um editor de textos. Atualmente, muitas interfaces são oferecidas também em português, a exemplo da versão Blogger oferecida pelo site da Globo.com<sup>12</sup>, o uol blog, do provedor UOL<sup>13</sup>, dentre outros.

### **Diários e construção de identidade feminina**

É interessante notar que os blogs permitem, através de sua interface revolucionária, que homens e mulheres, indistintamente, apresentem e modelem as suas próprias identidades no ciberespaço. A disponibilidade de centenas de ferramentas de postagem de blogs, muitas delas grátis, fez com que, rapidamente, homens e, especialmente, mulheres do mundo inteiro postassem suas vidas em formas de textos. Blogs, então, passam a desempenhar funções variadas, desde o modelo de filtro de notícias, passando por conteúdos jornalísticos, educacionais, políticos e culturais ou até mesmo meros diários íntimos, no qual o blogueiro escreve, com detalhes, o seu dia-a-dia.

No campo da presença política das mulheres no cenário social, a possibilidade de possuir e manter em funcionamento um blog tem significado para elas a abertura de um espaço de expressão, que, historicamente, nem sempre esteve disponível. Curiosamente, blogs escritos por mulheres têm recebido na Net uma carga pejorativa, tal qual enfrentou a escrita pública de mulheres ao longo dos séculos. Mesmo tecendo sobre temas variados, o discurso feminino nos blogs possui uma nuance particular que os identifica e reflete por partes de homens e também de mulheres, uma carga de preconceitos que os petrifica como algo desabonador:

“ (...) os mais famosos blogs femininos: miss pearls<sup>14</sup>, bomba inteligente<sup>15</sup>, tititi<sup>16</sup>, são blogs do “eu hoje tou triste porque não vi a novela”, ou “as minhas amigas dizem que eu estou mais gorda” (...) *Cigarra na paisagem – cigarranapaisagem.blogspot.com/2006/03/yellow-brick-road\_01.html*

Recomendou outra estratégia que declinei com certa fúria velada: ‘que tal fazeres uma análise dos blogs femininos e dizeres que são na maioria superficiais, insuficientes, que elas não conseguem escrever dez frases com o mínimo interesse e só escrevem sobre estados da alma vegetativos do tipo: ‘pa, hoje ta frio pa, não me apetece fazer nada vou vestir minhas meias de algodão e meter-me na cama a ler Nicholas Sparks, dah!’.

Blogs femininos militantes, só mesmo na cabeça de quem faz estudos de gênero”.

*Comentário de Ana Cláudia Vicente no Blog português Quatro Caminhos*

*[http://quatrocaminhos.blogspot.com/2005\\_10\\_01\\_quatrocaminhos\\_archive.html](http://quatrocaminhos.blogspot.com/2005_10_01_quatrocaminhos_archive.html)*

Pelo que se observa dos comentários que circulam na Net, blogs de mulheres na função diário íntimo parecem transpor para o mundo virtual a mesma carga de preconceitos que historicamente acompanha a escrita feminina. Sempre associados a produções femininas, os diários pessoais têm sofrido ao longo dos séculos grande marginalização, refletindo o *status* social da mulher e a estreiteza de papéis que desempenharam ao longo do tempo em relação aos homens. Por conta disso, se comparada aos homens, a história registra um número muito menor de mulheres escritoras de diários pessoais.

Enfocando na maioria dos casos o mundo doméstico, espiritual, interior, os diários escritos por mulheres são muitas vezes tratados como menos legítimos do que aqueles escritos por homens. A diferença entre os dois estilos lingüísticos está no fato de os diários pessoais masculinos refletirem o mundo dos homens, mais voltado tradicionalmente para a ação. Relatos militares, de viagem, política ou aventura, entre outros, são funções muito comuns encontradas nos diários pessoais de homens escritores.

Esses dois modos diferenciados de atuação representam o que Gannett (2002) chama de esferas de discurso privada e pública, referenciando-as, respectivamente, à mulher e ao homem. Citando a pesquisadora americana Dale Spender, ela diz que a dicotomia masculino/feminino, público/privado é mantida para permitir às mulheres escreverem para uma audiência privada, desencorajando-as de escrever para audiências públicas, que seria uma arte masculina. “Na esfera ‘privada’ – diz - mulheres têm sido permitidas a escrever para elas mesmas (por exemplo, diários) e para outros em forma de cartas, tratados morais, artigos de interesse para outras mulheres e mesmo novelas para mulheres (durante o século XIX mulheres eram a viga mestra do público leitor de novelas)” (p. 95).

Gannett conclui que o *status* como escritoras sem expressão era resultado da discriminação sofrida por elas ao longo dos tempos. Relegar a mulher à esfera privada significava assegurar ao homem hegemonia lingüística e política. Ela resume, afirmando que “homens têm sido os criadores das formas de escrita pública e têm avaliado e controlado o acesso do que é publicado. Também aos homens, muito mais do que às mulheres, tem sido garantido o acesso à educação, o que garante o acesso ao discurso escrito público” (Op.Cit, p.96). Às mulheres, repetidamente, segundo a autora,

“tem sido dito que não podem e não devem escrever na esfera pública. E quando o tem feito, têm sido ridicularizadas, criticadas ou ignoradas” (Op.Cit., p.87).

A relação contemporânea das mulheres com a web, a sua forma de inserção e participação na rede, tem chamado a atenção e provocado questionamento de alguns. A jornalista americana Janelle Brown aponta para o tipo de discurso que ela considera “fútil” praticado por mulheres em sites e se pergunta o que as mulheres têm feito da web?:

Encontrar bobagens ditas por mulheres em sites na web é como atirar em peixe num barril. Chega até a ser embaraçoso. Sobre estes pilares de coisas femininizadas, você encontrará cálculos de compatibilidade amorosa, planos de dieta, momento confessionais humilhantes, segredos sobre detalhes de sexo de verão e, claro, horóscopos, horóscopos, horóscopos (...)<sup>17</sup>.

E Brown parece não estar sozinha em suas observações. Uma blogueira também nota: “Percebi que na maioria dos blogs femininos tem figurinhas `fofinhas`, são cor-de-rosa, cheios de firulinhas...E o meu é preto! Hehehe...”, diz Danielle Falks, autora do Blog da Dani Falks<sup>18</sup>.

A propósito da temática corrente nos blogs femininos, blogueiras portuguesas se posicionaram sobre o assunto durante o evento Falar de Blogues<sup>19</sup>, promovido pela Livraria Almedina, em Lisboa. A jornalista Carla Hilário, autora do *Bomba Inteligente*<sup>20</sup>, observou que as mulheres abordam qualquer assunto na blogosfera: “Falam literalmente de tricô, como Hilda Portela<sup>21</sup> ou Rosa Pomar<sup>22</sup>, ou dos filhos, como Vieira do Mar no *Passeai, Flores*<sup>23</sup>!. Falam de atualidade, de política, de sexo, de homens, de compras, de touradas, de animais, de economia, de futebol, do quotidiano, de moda, de cinema, de literatura”. As diferenças no modo como as mulheres observam os temas está relacionada, segundo ela, com o que são como pessoas e não com o simples fato de serem mulheres.

Na mesma linha seguiu a pesquisadora Isabel Ventura, mestranda em Estudos sobre Mulheres, que após analisar cinco blogs femininos portugueses – Uns & Outras<sup>24</sup>, Síndrome de Estocolmo<sup>25</sup>, Mulheres e Deusas<sup>26</sup>, Com o Sotaque Francês<sup>27</sup> e Blogotinha<sup>28</sup> –, concluiu:

São atos políticos porque contam, partilham e reivindicam um determinado espaço que assume uma identidade de gênero. Não se pode dizer que as mulheres têm um papel mais intimista do que os homens. Não há grandes distinções, mas sim, motivações individuais. Usam os blogs para assumir um papel político, ainda que inconsciente, ao adotarem uma posição. No fundo é uma forma de dar recados, de comunicar. O blog hoje é um acesso a um espaço público que, apesar de ser limitado, é ilimitado ao mesmo tempo. Além disso, é poder escrever para muitas pessoas (DN, ver nota 19).

Chandler (1998), que estudou a questão de identidade em seu trabalho sobre *Home Pages* pessoais, lembra que *home pages* são um meio no qual o relacionamento entre o público e o privado está visivelmente em processo de transformação. Tomando Thomas Erickson, ele diz notar que esses dispositivos de publicação na web não estão sendo usados apenas “para publicar informações,

mas para construir identidades”. Para ele, a internet é um dos primeiros locais onde indivíduos podem construir identidades produzindo informações, em lugar de consumi-las.

Neste sentido, criar páginas pessoais [e mesmo blogs] oferece ao autor uma oportunidade sem igual de auto-apresentação em relação a qualquer dimensão de identidade pessoal e social que alguém escolhe assumir. O ambiente virtual, segundo Erickson, oferece um contexto único no qual alguém pode experimentar modelar sua própria identidade.

O fato, inclusive, de reportar-se a futilidades em páginas pessoais não é algo temeroso para Chandler. Para ele, muito mais de tratar-se de julgar se os pensamentos e idéias produzidos são inteligentes, o conteúdo produzido em *web pages* responde mais diretamente sobre a necessidade de os indivíduos se dizerem e construir a própria identidade, na tentativa de responder à questão: quem sou eu?

É verdade que muitas páginas pessoais são banais, pessimamente executadas ou bizarras, mas refletem rituais institucionais e são claramente geradas para satisfazer a objetivos de empregadores ou educacionais. Tais páginas frequentemente refletem o modo no qual seus autores escolhem para apresentar eles mesmos.

A questão do papel da mulher no processo de construção de sua própria identidade retorna na pergunta de se este desenvolvimento identitário tem algo a ver com a sua presença afirmativa na sociedade. O que mudou desde os anos 1960 e 1970 quando o Movimento Feminista levantou bandeiras políticas pela revolução sexual, que passava, segundo Shulamith Firestone, pelas Novas Tecnologias, computação e reprodução. Ser dona do próprio corpo, da própria subjetividade e do próprio desejo fazia parte da agenda afirmativa das mulheres da década de setenta. Qual seria, então, tanto naquele momento quanto agora, a relação entre a revolução digital e a política feminista?

Considerada sem precedentes, a revolução feminista dos anos 1970 buscou criar um sistema de gênero e estrutura cultural por um mundo melhor. Fincou em sua agenda, bandeiras políticas sérias, como a luta pelo aborto e pelo direito à prática do sexo desassociada à gravidez, momento que marcou a importância da tecnologia dos medicamentos em favor da mulher. A luta visava a libertação da horda masculina, à liberdade de escolha de um sexo mais livre e direito ao corpo.

Esse contexto de subversão da ordem cultural e social institucionalizada promovida pela mulher, da prática de um ativismo político firme, entra em choque com o hoje chamado Cyberfeminismo. Surgido em meados da década de 1990 entre artistas brancos da Austrália, Europa e Estados Unidos, esse movimento preferiu, segundo María Fernández, “evitar a má reputação que marcou o feminismo anterior<sup>29</sup>”.

O Cyberfeminismo surgiu quando esses artistas se posicionaram contra a idéia pregada pelo romancista William Gibson, criador do Ciborgue (parte homem, parte máquina), de que a internet era território masculino. Reunidos na coletiva VNS Matrix, os artistas celebraram, conforme

Fernandez, a possibilidade de uma identidade ciborgue e do prazer feminino, reivindicando o ciberespaço para as mulheres.

O Movimento, no entanto, criou arestas e dificuldades, ao pregar para as relações baseadas na internet, a ausência de corpo e a não-fixidez de identidades. O grupo não conseguiu dialogar com identidades étnicas, como os negros, que tinham dificuldade de admitir identidades diferentes do modelo pregado pelos Cyberfeministas. Eles acreditam, por exemplo, que se o racismo existe é porque a identidade está calcada no corpo físico.

María Fernández observa que o hibridismo (modelo ciborgue), a fluidez de identidades, a idéia de um sujeito universal sem encaixes locais, dialoga com as teorias pós-coloniais (Bhabha, Hall), mesmos conceitos, segundo ela, são empregados para excluir subjetividades no ambiente do Ciberespaço e para prevenir discussões de raça e diferença, causando com isso uma fixidez na zona de diálogo entre Cyberfeministas e feministas. Ela lembra que ativistas do trabalho, de cor, artistas, acadêmicos podem se tornar Cyberfeministas, mas não são reconhecidos como tal. “Quando mulheres de cor defendem monolíticas identidades, elas são constantemente desafiadas a atualizar a última versão do hibridismo e atravessar fronteiras – presumivelmente facilitadas pelo computador – para entrar no novo modo do Cyberfeminismo”, observa Fernández.

### **Blogs e ativismo político: o exemplo Bruna Surfistinha – À guisa de conclusão**

A questão que nos interessa é observar e discutir se é suficiente constatar que a expressão da identidade da mulher, manifestada através de diários digitais (blogs), vem responder a mesma pergunta que por séculos atravessa a prática diarística: quem eu sou? Ou se essa prática aparentemente sem conseqüências, traz prejuízos no campo político à mulher, em sua agenda afirmativa de identidades diversas na sociedade contemporânea?

De que forma se insere blogs como o de Raquel Pacheco, uma ex-prostituta que ganhou fama a partir do blog Bruna Surfistinha<sup>30</sup>, criado por ela para contar as próprias experiências sexuais com mais de mil homens? Fenômeno de mídia, Raquel publicou além do blog, fotolog, livro autobiográfico, filme pornô e foi alvo de dezenas de entrevistas em programas de entrevistas na tevê, além de revistas de grande circulação, como a ISTOÉ. Seu livro, *O doce veneno do escorpião*, esteve por muito tempo na lista dos mais vendidos.

Num primeiro momento, cabe indagar sobre o significado da presença do fenômeno Bruna Surfista no cenário social, mobilizando os olhos e a imaginação de seus leitores, metade deles - no caso do livro – leitoras, como atesta a editora Panda<sup>31</sup>. Ao abrir a vida a público Raquel Pacheco virou alvo da admiração de muitas pessoas que passaram a se interessar como vivem as prostitutas. “Bruna inovou. Como uma menina de classe média como eu teria acesso ao universo de uma

prostituta? Um homem pode ir ver de perto, eu não”<sup>32</sup>, observa Michele Inácio, contadora, em depoimento à Revista ISTOÉ.

Depois de ganhar notoriedade como prostituta, Raquel, já aposentada da vida, lançou mão de outro fenômeno de visitas, o fotoblog Bruna Surfistinha<sup>33</sup>, onde posta fotos sobre a atual vida de estrela do cenário midiático nacional; conta planos e se diz feliz com o homem que abandonou um casamento e a tirou da vida de garota de programa.

Qual seria, então, o significado de discursos como o de Bruna Surfistinha para a afirmação política das mulheres? Como contextualizá-lo diante de um discurso midiático de capas de revista que enquadra o feminino entre termos como “agarrar o seu homem”, emagrecer, ter um corpo esculpido com plástica, botox e silicone, ser uma mãe e esposa sensacionais e ainda por cima ter uma fórmula para ser competente no trabalho? Em que cultura feminina contemporânea este discurso se modela, em que espaços ela se esculpe? São questões que, certamente, podem ser tema de pesquisa futura.

## NOTAS

- <sup>1</sup>Disponível em URL: <<http://www.estadao.com.br/tecnologia/coluna/robsonpe/2005/jan/10/134.htm>>. Acesso em: 15.jul.2005
- <sup>2</sup> Disponível em URL: <[http://dir.salon.com/tech/feature/2000/08/25/womens\\_web/index.html](http://dir.salon.com/tech/feature/2000/08/25/womens_web/index.html)>. Acesso em: 15.jul.2005
- <sup>3</sup> Disponível em URL: <<http://www.m-w.com/dictionary.htm>>. Acesso em: 08.fev.2005.
- <sup>4</sup> Disponível em URL: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/4059291.stm>>. Acesso em: 01.fev.2004
- <sup>5</sup> Disponível em URL: <[www.technorati.com](http://www.technorati.com)> . Acesso em: 28.fev.2005.
- <sup>6</sup> <http://www.robotwinsdom.com>
- <sup>7</sup> Para Lévy, a noção de interface pode ser usada para analisar todas as tecnologias intelectuais. Na relação homem/máquina ele a define como "o conjunto de programas e aparelhos materiais que permitem a comunicação entre um sistema informático e seus usuários humanos" (1998, 176). Neste caso, a interface tem como função facilitar a comunicação entre o indivíduo e a máquina, propondo-se enquanto dispositivo, a simplificar o alcance dos objetivos que se procura estabelecer.
- <sup>8</sup> <http://www.pitas.com>
- <sup>9</sup> <http://www.blogger.com>
- <sup>10</sup> O HTML – Linguagem de Marcação de Texto é uma das mais antigas na produção de sites para a construção de páginas da web.
- <sup>11</sup> Sigla para File Transfer Protocol, Sistema de Protocolo de Transferência de Arquivos, o FTP é o protocolo para transmitir ou receber arquivos pela Internet. Quando se deseja, por exemplo, hospedar um site na Internet, a transferência dos arquivos do computador local para o provedor se dá por meio desse conjunto de padrões. (Informações disponíveis na URL: <http://www.dicweb.com/ff.htm>) . Acesso em 28.fev.2005
- <sup>12</sup> <http://www.globo.com>
- <sup>13</sup> <http://www.uol.com.br>
- <sup>14</sup> Disponível em URL: <http://misspearls.blogspot.com>. Acesso em 02.jul.2006
- <sup>15</sup> <http://bomba-inteligente.blogspot.com/>
- <sup>16</sup> Disponível em URL: [http://adufe.weblog.com.pt/arquivo/2005/12/boys\\_should\\_be.html](http://adufe.weblog.com.pt/arquivo/2005/12/boys_should_be.html)
- <sup>17</sup> Disponível em URL: <[http://dir.salon.com/tech/feature/2000/08/25/womens\\_web/index.html](http://dir.salon.com/tech/feature/2000/08/25/womens_web/index.html)>. Acesso em: 15.jul.2005
- <sup>18</sup> Disponível em URL: < [http://daniellefalks.weblogger.terra.com.br/200308\\_daniellefalks\\_arquivo.htm](http://daniellefalks.weblogger.terra.com.br/200308_daniellefalks_arquivo.htm)>. Acesso em: 15.jul.2005
- <sup>19</sup> O evento foi realizado em novembro/2005 e noticiado pelo site do Diário de Notícias de Lisboa . Disponível em URL: [http://dn.sapo.pt/2005/11/26/media/blogues\\_feminino\\_diarios\\_assumem\\_pap.html](http://dn.sapo.pt/2005/11/26/media/blogues_feminino_diarios_assumem_pap.html). Acesso em 02.jul.2006
- <sup>20</sup> <http://bomba-inteligente.blogspot.com/>
- <sup>21</sup> Autora do blog Planeta Hilda, disponível em URL: <http://planetahilda.blogspot.com/>. Acesso em 02.jul.2006
- <sup>22</sup> Autora do blog A Ervilha Cor de Rosa, disponível em URL: <http://ervilhas.weblog.com.pt/>. Acesso em 02.jul.2006
- <sup>23</sup> <http://passeaiflores.blogspot.com/>
- <sup>24</sup> <http://unseoutras.blogspot.com>
- <sup>25</sup> <http://www.sindromedeestocolmo.com>
- <sup>26</sup> <http://www.rosaleonor.blogspot.com>
- <sup>27</sup> <http://horvallis.blogspot.com/2005/04/sotaque-francs.html>
- <sup>28</sup> <http://blogotinha.blogspot.com>
- <sup>29</sup> Fernandez, Maria. Is feminism colorblind? Disponível em URL: <<http://artwoman.org/cybertems/index-intro.htm>>. Acesso em: 15.jul.2005
- <sup>30</sup> Disponível em URL: <http://www.brunasurfistinha.com>. Acesso em: 02.07.2006
- <sup>31</sup> REVISTA ISTOÉ. Bruna Surfistinha: Por que tantas meninas de classe média estão virando garotas de programas. Nº 402, 30 janeiro 2006, p. 46
- <sup>32</sup> Idem, pág. 50
- <sup>33</sup> Disponível em <http://brunasurfistinha.nafoto.net> . Acesso em: 02.07.2006

## REFERÊNCIAS

**CHANDLER**, Daniel (1998): *'Personal Home Pages and the Construction of Identities on the Web*. Disponível em URL: <<http://www.aber.ac.uk/media/Documents/short/webident.html>>. Acesso em: 15.jul.2005

**GANNETT**, Cinthia. *Gender and the Journal - Diaries and Academic Discourse*. New York: State University of New York Press, 1992, 262 p.



**OLIVEIRA**, Rosa Meire Carvalho de. *Diários Públicos, Mundos Privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Dissertação defendida no Mestrado de Comunicação e Cultura Contemporâneas Facom/UFBa, em fevereiro de 2002. . Também disponível em URL: < <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.pdf> >. Acesso em: 28.fev.2005